

Marcus Alexandre Motta

Professor da UERJ. Chefe da Divisão de Pesquisa do Arquivo da
Cidade do Rio de Janeiro. Doutorando em História - UFRJ.

Servidão e dúvida: o leitor da *História do Futuro* de Antônio Vieira

Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações há de haver que não vão envoltas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador houve de tão limpo coração e tão inteiro amor da verdade, que não inclinasse o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua, ou do seu estranho príncipe? Todas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as cores do seu afeto.¹

Para chegar a esta passagem, o leitor havia percorrido quase cento e cinquenta páginas. Estava agora entre dois títulos: 'Verdade desta História' e 'Resposta a uma



Objeção, mostra-se que o melhor comentador das profecias é o tempo'. No início do texto, havia se deparado com a gravidade da leitura de Antônio Vieira sobre a alma humana, 'quão própria é da curiosidade humana sua matéria'.² E diante do julgamento mordaz do jesuíta, e de seu corolário inevitável - a remissão aos neo-arcaísmos de nossa época -, não fora capaz de resistir ao esboço de um sorriso:

... não havia coisa tão baixa e tão miúda por onde os homens não imaginassem que podiam alcançar aquele segredo que Deus não quis que eles soubessem: o ranger da porta, o estalar do vidro, o cintilar da candeia, o topar do pé, o sacudir dos sapatos,

tudo notavam como avisos da providência e temiam como presságios do futuro. Falo da cegueira e desatino dos tempos passados, por não envergonhar a nobreza da nossa fé com a superstição dos presentes.³

O anacronismo de que poderíamos ser acusados é perdoável, uma vez que se relaciona com a própria substância textual. O tempo é como o mundo, dividido em dois hemisférios, um visível-superior, o passado, e um invisível-inferior, o futuro. Vive-se indo, onde o pretérito termina e o porvir se inicia. O que resta são os horizontes do tempo, instantes presentes como nos diz Vieira.⁴ É esta sensação espacial do tempo como 'superfície temporal' que subordina o leitor. Mais servo do que nunca dos malabarismos literários do jesuíta. Na ânsia de ver o tempo realizado como matéria, afastando assim a angústia moderna, o leitor não duvida, e toma a ilusão por realidade. E o próprio Vieira é quem se encarrega de impedir o leitor de descobrir em suas linhas algo para além do que foi dito.

Parece não haver escolha: se a dúvida persiste em demasia, cabe qualificar o autor como paranóico, ou outros equivalentes psicanalíticos; no caso de se manter exclusivamente servil, acaba por endossar a sua caracterização enquanto místico. Os mais refinados, dotados de um tanto mais de sutileza, preferem afirmar que a *História do Futuro* é uma utopia. Em qualquer dos

casos o paradigma é ainda a certeza positiva de que a linguagem está *pari passu* com o real.

Descobrir e encobrir, estes são os verbos da graça em Antônio Vieira. Sob o domínio destes, as linhas escritas passam à vista do leitor, ansioso em interpretar, em dizer o que o escrito é. A interpretação fundada no 'é', entretanto, avaliza a resposta antes que ela compareça, permitindo a quem lê um domínio empírico sobre o texto. Poderíamos arriscar um paralelo estranho e atual: esse 'é', essa terceira pessoa do presente do indicativo, assemelha-se à terceirização da administração moderna. Dê a outros uma parte da sua responsabilidade pretérita. Se isso é elogiável no plano da gerência, não parece ser o caso no que se refere à leitura. A responsabilidade do leitor não se encontra na filiação teórica. Cabe à atividade da leitura impor a necessidade de se querer algo diferente, que não se encontra naquilo que já se sabia, mudando os propósitos e a vida anteriormente aceitos. Fora dessa tarefa o 'é' revela-se como privatização da existência, e o outro, o texto, só serve para alimentar esse projeto. O leitor se transforma em juiz a proferir sentenças, a perder de vista a imagem do sábio em permanente dúvida sobre o seu saber.

É certo que em toda interpretação sobrevive uma certa defesa psíquica. Embora também nos pareça quase óbvio

o fato de estarmos tanto mais presentes na leitura quanto mais nos perdemos em analogias e anacronismos. Manter-se nesse confortável perder-se, porém, em nada acrescenta à obra lida. Se o 'é' pode identificar-se com uma leitura medíocre e passiva, a sua ruptura deve

se processar através do verbo ser, agora tomado no pretérito imperfeito do subjuntivo: 'fosse' forma idêntica ao mesmo tempo verbal do verbo ir. Dessa impressionante vinculação entre a existência e o movimento neste tempo quimérico e condicional, surge a posição de simulta-

HISTORIA DO FUTURO. LIVRO ANTEPRIMEYRO

PROLOGOMENO A TODA A HISTORIA do Futuro, em que se declara o fim, & se provaõ os fundamentos della.

Materia, Verdade, & Utilidades da Historia do Futuro.

ESCRITO PELO PADRE

ANTONIO VIEYRA
da Companhia de JESUS, Prêgador de S. Magestade.



LISBOA OCCIDENTAL,
Na Oficina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

Com todas as licenças necessárias. Anno de 1718.

João Soares da Silva

Vieira, Antônio (Padre). História do Futuro, livro ante-primeiro.

Lisboa: na Oficina de Antônio Pedrozo Galram, 1718.

neidade de subordinação e dúvida.

Diante do 'é' o texto não consegue oferecer resistência, apaga-se. A interpretação subjuntiva, por mais paradoxal que pareça, alcança um grau mais elevado de realidade, no instante em que admite no texto um forte componente de resistência, a vontade de não se comunicar. Ao tentar compreendê-lo, o leitor vai descobrindo o texto e encobrindo o ser que gostaríamos que ele fosse. A leitura, agora, se encarrega de descobrir o encoberto, que ao ser descoberto necessita novamente se encobrir para garantir o seu segredo: a possibilidade ou impossibilidade da leitura, que são, enfim, a mesma coisa. Um ser e ir infundável, que obtém fim na medida em que imaginamos o 'fosse' do futuro.

Os escritos de Vieira, ceifados por uma notável preocupação estética, fogem da interpretação, essa marca da modernidade. Anseiam por um leitor ideal, que jamais existirá por completo, pois, tal qual o 'destino', nunca se concluirá. Essa incompletude humana, que num plano mais imediato poderíamos relacionar com o próprio pensamento religioso do pecado, manifesta-se como essência de toda ação mundana. Incluindo aí a criação literária. Talvez a *História do Futuro* seja a sua obra mais decididamente incompleta, sensação que o leitor tem apenas ao folhear esta peça de um quase-teatro. O excesso de personagens - profetas bíblicos e mundanos, filósofos, santos, reis,

imperadores, heróis míticos ou reais, teólogos e historiadores antigos e modernos, povos, nações, estados, cidades e mares - faz com que o enredo não se realize por falta de um palco tão amplo. Mesmo sabendo que este é 'o teatro do mundo', tal como o define Vieira, o único palco capaz de abrigar tantas histórias, tempos e mundos seria a eternidade. Disso resulta que apenas um adjetivo serve tanto para o mundo, como para o homem, para a profecia, para a História, para o tempo, para o 'destino': incompleto. Como então exigir de Vieira um fim, se é algo que só existirá no dia do juízo e, então, já não será mais término e sim julgamento pretérito.

Alguns leitores poderão afirmar que esse escrito se manteve incompleto, porque Vieira fora derrotado em seu desejo de Quinto Império pela Inquisição. E ainda diriam que, após tal fato, o delírio, sinônimo da derrota, se apoderou cada vez mais de sua alma, impedindo-o de dar cabo de sua *História do Futuro*. São explicações possíveis, mas incapazes de dar conta dessa angustiante incompletude substantiva de sua poética. Há em Vieira, e mais particularmente nesta obra analisada, uma certa refração, que aproxima e afasta o leitor, que o torna íntimo e estranho, resistindo à tentação do diálogo mudo. Só pode existir diálogo com resistência, com a confissão de sua impossibilidade. O tom confessional dos escritos de Vieira dispensa a posição intimista que caracteriza as

confissões modernas. Ao contrário, nos fala do escrúpulo do erro de que sabe ter cometido, pois admite o Inconfesso. O autor vem nos apresentar aquilo que ele sabe existir tão somente por direlto, e não de fato, o destino: 'esta nova e nunca ouvida História'.

Seria esta mais uma das belas ironias de Antônio Vieira? Talvez pudéssemos enxergar nesta 'nova e nunca ouvida História' uma exaltação alegórica da vida, o que equivale à sua mortificação:

Sós e solitariamente entramos nela (na Profecia) (mais ainda que Noé no meio do dilúvio), sem companheiro, sem guia, sem estrela nem farol, sem exemplar nem exemplo. O mar é imenso, as ondas confusas, as nuvens espessas, a noite escuríssima; esperamos no Pai dos Lumes (a cuja a glória e de seu filho servimos), tirará a salvamento a frágil barquinha: ela com maior ventura que Argos, e nós com maior que Tifis.⁵

A citação da mitologia exerce uma atração quase irresistível. Quem não gostaria de correr ao Dicionário mitológico greco-romano em busca de alusões simbólicas? O texto, porém, impõe uma tarefa um pouco mais árdua, e certamente mais lenta: a fruição das frases. A metáfora náutica da citação mitológica deixa de ser apenas uma referência para ganhar o estatuto de cerne da construção textual. O ritmo sequenciado é uma tônica: na insistente imagem 'sós e solitariamente' do início,

no compasso ondeado de 'sem/nem', na ressonância de raiz 'exemplar/exemplo', na sonoridade recorrente de 'imenso', 'ondas confusas', 'nuvens', 'noite', no uso de preposições e artigos idênticos como em 'a cuja a glória' ou 'a salvamento a frágil barquinha', ou ainda na repetição 'maior/maior', da última sentença.

Após esses recursos literários, a sensação predominante é a do movimento do mar. Sensação preposicional, pois manifesta-se por relação, estabelecendo proximidade entre os movimentos do mar, da vida e da profecia. Curiosa e significativamente, essa sensação de movimento não foi estabelecida a partir dos verbos. Ao contrário, nesta passagem os verbos são frágeis: 'entramos', 'esperamos', 'servimos', ecos graves do ritmo ondulante, apenas cortado pela certeza aguda do 'mar é' e a força futura da ação divina, 'tirará'. O sentido do texto é maior do que os verbos podem comportar. Só podemos alcançá-lo por aproximação, nos relacionando com os seus derivativos. O movimento aí é a própria criação da vida, cuja pressuposição é a fluidez e mobilidade do mar: "e o Espírito de Deus movia-se sobre as águas" (Gênesis, 1-2).

Em cada frase, "(mais ainda que Noé no meio do dilúvio)" e "(a cuja glória e de seu Filho servimos)", os parênteses assumem o papel de espelhos côncavos da memória histórica da cristandade. Somos nós leitores que nos vemos

refletidos nesses parênteses. Somos nós que aparecemos comparados a Noé ou servindo a Cristo. Mas a nossa imagem é deformada pelos movimentos de aproximação e afastamento produzidos pelo recurso às expressões 'mais ainda que' e 'a glória de'. A primeira dá ao texto o tom de solidão profética, aproximando-nos do espelho e nos suprimindo da necessária arrogância da ação cristã. A segunda afasta-nos de nossa própria imagem e nos submete à servidão divina. Tudo funciona como se Vieira, por meio deste artifício, fosse capaz de oferecer ao leitor uma textura vitrea sobre a qual interagem a profundidade mnemônica da história cristã e a superfície da atualidade.

As frases de Antônio Vieira sempre lembram ao leitor outras frases anteriormente lidas; qualquer de suas imagens possui algo de familiar com célebres passagens bíblicas e com máximas mundanas. Nesse estranho contágio, Vieira comunica à atualidade do leitor problemas insolúveis da própria existência. Os especialistas admitem que seus recursos advêm de um patrimônio comum a outros autores de época. Apenas não sublinham suficientemente a grande singularidade da obra de Vieira, cuja percepção o próprio jesuíta manifesta através do título escolhido, capaz de provocar um sentido inesperado na História: perdurar no tempo é não pertencer ao próprio tempo. Do diálogo da eternidade com o tempo provém a sustentação da cristandade e

da exata necessidade de História. Conflito que é corporificado pela convivência do 'dom' e do 'roubo' em sua escrita. Como cristão precisa usurpar da eternidade a permanência, dando ao tempo o complemento do qual carece: parar. Mas Vieira duvida suficientemente do mundo e, portanto, precisa roubar da verdade aceita aquilo que ela esconde. E diante da fácil rotina em se dizer cristão, faz-se mundano. Porém, aquilo que descobre é o que não esperava e para compreendê-lo, deve reconhecer-se enquanto detentor de um dom, ao qual serve. Desta forma, encobre o furto à verdade: a fé que o guia no mundo é insustentável no próprio mundo.

Antônio Vieira sempre aguardou da leitura de seus textos, que os homens se colocassem em 'ventura' e 'ousadia'. Forma de expectativa da alma que antecipa o futuro para tê-lo face a face. Seu sentido de profecia equivale à imanência da providência, maneira com a qual a vontade pode contar para "ir por diante".⁶ Seguir impedindo a facilidade dos símbolos das histórias, necessitando mortificá-los, para colocar uma pedra a mais nos muros protetores da antecâmara da metafísica. Lugar de onde os homens podem refletir sobre a evidência: solitariamente, sós, a caminharem sobre um chão fluido, a acreditarem num lume que o mundo dá insuficiente prova de existir, mas que sem ele não há verdadeiramente mundo.

A leitura da *História do Futuro*

manifesta-se como esperança, de Portugal, da Colônia, ou mesmo de qualquer homem que habita os mundos periféricos: "ainda que seja muito segura, muito firme e muito fundada a esperança, é um tormento desesperado o esperar".⁷

O leitor demora-se nessa frase. Por tudo

aquilo que nos diz de tão próximo, e de tão inacessível. A concessão ao futuro surge de maneira emocional no verbo ser no presente do subjuntivo ('seja'). Sensação que se estende pela repetição do advérbio 'muito'. Os adjetivos 'segura', 'firme' e 'fundada', parecem querer fugir do substantivo 'esperança'



Vieira, Antônio (padre). Cartas seletas do padre Antônio Vieira. Paris: em casa de Va. J.P.

Aillaud, Monlon e Ca., 1856.

e são amarrados por meio deste advérbio. A primeira frase aguarda o retorno da oração seguinte sobre si. As experiências atormentam, mesmo que esteja escrito o que vai acontecer. Desesperados os homens aceitam apenas dois caminhos: ou descreem da salvação e o mundo é a pura expressão trágica, ou esperam o desenlace da 'comédia'. Na segunda oração invertida, "é um tormento desesperado o esperar", os termos se arruinam mutuamente, criando um vínculo estreito entre a destruição e a geração. Onde o todo da frase termina é ali que existe início. Querer esse acontecimento é se fazer digno daquilo que acontece, ser filho do acontecido, e por aí renascer.

Essa experiência, contudo, não basta para Vieira. Equilibrando o participio verbal e o adjetivo 'desesperado', impulsiona o afeto e o faz deter-se na substância verbal do 'esperar'. Esta ação apresenta-se como limite do tormento e do desespero na medida em que lhes concede novo sentido: a coragem de experimentar a tormenta da fé. Enquanto a esperança ainda pode ser vivenciada como algo razoavelmente sólido, embora um tanto fugidio, o esperar é uma ação aterradoramente abstrata. Sem referências passadas ou futuras, esperamos. Simplesmente. E para tal precisamos desenvolver uma dupla qualidade: a paciência corajosa. Essa matriz é talhada por Vieira usando os sentidos da esperança provenientes do Velho e do Novo Testamento. Na

tradição velho-testamentária, o sentido relaciona certeza e incerteza. A segurança do esperar independe de qualquer força humana. A esperança é a busca de refúgio, de um lugar para se por a salvo dos homens e do próprio mundo. Dessa forma, a coragem é o seu contraponto, que do refúgio lança-se ao mundo para aguardar o momento de agir. A atitude justa, na medida da coragem, busca atingir o estado supra-humano do permanecer. Mas o que permanece não é uma causa, mas o efeito invisível dessa fortaleza da espera, cujos pilares são a confiança e a fidelidade em crer. Esses suportes, entretanto, estão apoiados em um terreno essencialmente débil, pois formado pela incerteza.

Vieira, se pode aceitar essa associação de esperança e coragem, não pode admitir a existência desta incerteza. Pois, se assim o fizesse, estaria confessando que aquilo que o sustenta, a fé, é insustentável no mundo. Daí buscar o sentido do Novo Testamento. Neste a esperança articula-se, num primeiro momento, com prever, temer e presumir. Assume máxima significância em São Paulo, a partir da expressão "fé, esperança e amor" (Coríntios 13, 13). Na realidade, a esperança, colocada entre a fé e o amor, apresenta-se como passagem entre céu e terra. Diante do pecado, essência humana, a fé absoluta cede lugar a seu correlato mundano: a esperança. Antídoto à vergonha que se sente após

pecar, a esperança recoloca o homem na direção da fé, além de capacitá-lo à ação no mundo: o amor.

Vieira não assiste àquelas definições passivamente. Amor, temor, glorificação, como atitudes da alma cristã, tradicionalmente aparecem relacionados à escatologia. O século XVII não pode mais alimentar o gosto escatológico. Seu simbolismo passeia como forma-limite do trágico nesse período histórico. A questão da vida não se apoia mais no transitório contraposto ao eterno, pois a transitoriedade é o assim deve ser. Sem escatologia, resta ao homem a naturalidade histórica, esse trágico que recita sua face oculta, a comédia. Nos instantes mais trágicos da vida, é possível adivinhar um sorriso mórbido. Esse sorriso é motivado, em última análise, pela certeza do sorriso final da morte. No barroco, a alegoria concede cidadania à comédia, pela mortificação aproxima tragédia e comédia, lágrimas e risos.

A paciência corajosa faz fronteira, de um lado, com a morte sorridente e, de outro, com a vida em lágrimas. Para Vieira a esperança não podia ser mais uma confiança transcendental, pois o acesso ao céu está interrompido pela culpa histórica dos homens. Também inadmissível é a passividade no esperar, em função do tormento que lhe encobre, e que era fundamentalmente o erro que Vieira acusava nos judeus. Então, a matriz expressa o paroxismo da esperança, ou seja, a única forma

cristã de estar no mundo. Paciência e coragem servem para limitar a esperança, para dar-lhe uma forma simultaneamente divina e mundana. No entanto, esse mundanismo precisa reconhecer a superioridade do domínio transcendental, o que impõe aos cristãos uma vivência periférica do próprio mundo. O amor ao mundo só pode parcialmente se confessar.

Assim sendo, urge aos mundos periféricos e laterais da esperança uma paciência futura para ler todas as Histórias e a coragem ancorada no passado para escrever a 'nova e nunca ouvida História'. Que não pode se nutrir servilmente da dúvida como Descartes, e nem manter a ingênua posição de excluí-la ao servir à fé. Dar conta dessa tarefa de Hércules ou Davi é o seu projeto, necessitando, para isso, desafiar o que se sabe, arremessando um saber do que ainda não se conhece.

E, verdadeiramente, que se os bens da ciência se colhem e conhecem melhor pelos males da ignorância, achará facilmente que discorrer pelos sucessos do mundo, desde seu princípio até hoje, que foram muito menos os danos em que caíram os homens por lhes faltar a notícia do passado, que aqueles que cegamente se precipitam pela ignorância do futuro.⁸

Segundo a ordem do tempo dessa passagem, há uma combinação entre o eterno e o agora. O acontecimento da ignorância valora, por medidas distintas,



o passado e o futuro. Pode-se até ignorar algo desse 'visível-superior', o passado, mas improvável fica o mundo sem valor de futuro, esse 'invisível-inferior'. Na leitura de Vieira nossos olhos fixam-se no horizonte, pois aí se encontram aquilo que ainda não existe e o que já deixou de ser. Morte e nascimento conjugam-se nessa forma de olhar, passando a ser de difícil distinção. O efeito causal torna-se inexorável; se houver desvio do horizonte, ocorre a cegueira e abre-se o abismo do porvir. Vieira propõe-se a espiar a morte de frente, como o homem renascentista, alicerçando-a, contudo, na ponte nascida da culpa necessária de matriz barroca, a História.

O leitor, ao terminar aquela passagem, fica enebriado pela ressonância das terminações dos advérbios de modo, 'verdadeiramente', 'facilmente', 'cegamente'. Com este artifício Vieira libera os verbos da função sintática de arcar com a ação. Os primeiros verbos, 'colhem' e 'conhecem', compassam a rima no seu limite. A estridente mensagem do futuro do presente 'achará' é rebaixada através do advérbio 'facilmente', apresentando um agora permanente no mundo, "discorrer pelos sucessos do mundo, desde seu princípio até hoje".

Na frase seguinte, a primeira invenção de circunstância é construída pela articulação do 'que' e 'em que' com os verbos no pretérito perfeito, 'foram' e 'caíram', materializados no infinitivo 'faltar'. A última frase, porém, perde o caráter de circunstância para tornar-se causal. Sua forma reforça a circunstância do 'que' por uma causa 'que' adverbialmente se precipita no fundo escuro da ignorância do futuro. O passado é um 'que' ou algo 'em que' se acredita, porém, o porvir é aquele que não permite o 'se' no acreditar.

Tomemos agora a passagem no seu conjunto, destacando sobretudo a importância dada por Vieira aos advérbios de modo - 'verdadeiramente', 'facilmente' e 'cegamente'. A insistência na terminação 'mente', ressaltada pela constante remissão à sonoridade 'em', parece restaurar o sentido inconfesso da idéia cristã do pecado como marca do comportamento humano. Prevalece a consideração de eterna atualidade sobre o modo dos homens. O que foi escrito nos serve tão bem que não tínhamos a possibilidade de duvidar do assunto tratado. A única coisa disponível para os homens não manterem o passado sobre si, nos ensina Vieira, é o ideal onírico de projetar a crença, pois sendo de matriz fantástica assemelha-se ao

mentir, mas sem essa fantasia de futuro não há realmente crer. As histórias, mesmo quando "em grande parte foram tiradas da fonte da mentira..."⁹, têm uma substância de idealidade que lhes permite deixar de ser pretérito para ser antecipação de futuro.

A ignorância é indeterminável, pois a sua manifestação só pode ser notada quando acontece. Vieira precisa admitir que o estar na História exige dos homens uma certa dose de ignorância mentirosa. Para dar às histórias colhidas e conhecidas o bem que a ciência faz, basta medir o grau do desconhecimento. Mas os 'sucessos do mundo' precisam superar esse bem, tornando-o natural ao próprio tempo, cujo fim é em si o seu início, a morte de qualquer bem adquirido. Valendo-se das palavras 'colhem e conhecem', inscreve o sentido da escolha. Como se dissesse que o porvir é uma escolha responsável por manter o sonhar, impedindo o peso do passado, que faz do presente algo muito frágil. Não há futuro sem projeção da entelêquia pretérita, cujo correlato individual é colocar tempo entre a vida e a morte. Tempo diferente daquela temporalidade que vai daquilo que ainda não existe para aquilo que já não mais existe, que deseja a diferença da morte antes de morrer, matéria do qual é feito qualquer sonho em todos os sonos. Pois é do fantástico dos sonhos que se colhem as futuras verdades e que deixam de ser verdades quando passam. O 'ofício' e a 'obrigação' da poesia,

assim nos diz Vieira, definem-se como impedimento das causas históricas: a arte poética serve para colorir o que 'havia de ser' e afirmar 'como era bem que fossem', e não para pintar o que ou como havia sido. Logo, a *História do Futuro* absorve o estilo poético. Para reverter os quadros desfavoráveis e fazer valer o ideal não há arma mais poderosa do que o arranjo artesanal feito de arte e saber divino.¹⁰ O leitor já havia percebido que, nesse livro antepimeiro, poderia usar como referência o dizer de Aristóteles sobre as obras de Heródoto: "pois que bem poderiam ser postos em verso ... , e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa".¹¹

Vieira escolhe, porém, Virgílio.

Dobrado de sete lâminas dizem que era aquele escudo (o escudo de Enéias de Virgílio); e também o da nossa *História*, para que em tudo lhe seja semelhante, é publicado em sete livros. Nele verão os capitães de Portugal sem conselho, o que hão de resolver; sem batalha, o que hão de vencer e sem resistência, o que hão de conquistar. Sobretudo se verão nele a si mesmos e suas valerosas ações, como em espelho, para que, com estas cópias de morte-cor diante dos olhos, retratem por elas vivamente os originais, antevendo o que hão de obrar, para que o obrem, e o que hão de ser, para que o sejam.¹²

A *Eneida* corre da verdade ao sentido, não havendo como se deter em nenhum

destes pólos. A crença desaparece no imediato de sua manifestação, em função da repressão ao fantasma que habita nas páginas que escreve, a *Iliada* de Homero. Contudo, o Virgílio escolhido por Vieira, em detrimento de Heródoto como modelo de História, é aquele relido por Dante. Esse guia privilegiado do patrimônio comum europeu, que desce e passeia no inferno, que passa mais rápido no purgatório e se detém nas margens do paraíso terreal, dizendo: "não mais a minha voz irás ouvir: dispõe de livre e íntegra vontade, e só com ela deves prosseguir. Imponho-te o laurel da liberdade!"¹³

O leitor se pergunta haver algum lastro de certeza para a presença de Dante Alighierie como uma das leituras de Vieira, pois este se refere a Virgílio e não àquele. Tornar pertinente um contato que não houve de fato é uma das tarefas impostas pela leitura, que num sentido que beira o esotérico, admite a auto-interferência dos textos, independente dos sujeitos que escrevem. Caso isso não seja admitido, a configuração de um patrimônio comum seria totalmente dispensável.

Após o Virgílio de Dante, toda a leitura de *Eneida* tornou-se uma forma poética de sentido teológico. Dante havia inaugurado a ficção como momento crítico, onde o perigo reina sobre o ideal de Império e restauração da Igreja, que é a própria expressão contrária à época em que a Esposa de Cristo se fez triunfante. Isso havia acontecido no século gótico por excelência, o XIII, para não mais sair das vistas da religiosidade européia. O triunfo da universalidade da Igreja tinha sido pensado,

e assim se mantinha no século de Vieira, como uma obsessão de vigília na fronteira do temor de sua ruína.

A máxima de Dante, "não mais a minha voz irás ouvir: dispõe de livre e íntegra vontade, e só com ela deves prosseguir. Imponho-te o laurel da liberdade!", repercute como sentido anterior à promessa de Vieira 'aos capitães portugueses', pois nunca a ruína da Igreja esteve tão presente, chegando a nós como maneira comum em se referir ao mundo. Eles e o leitor terão de se resolver sem conselhos porque no livro não há voz. Reina o silêncio, onde qualquer som expressa a gagueira da compreensão. Não há batalhas. Na leitura se vence o livro quando a ele não se resiste. Esse acontecimento é um combate conquistador dos sentidos textuais no mundo, que reavivam o que antes não se sabia querer. Onde a motivação se faz de íntegras vontades, despossuindo-se do que antes se amava, para desejar, livremente, descobrir o quanto de dúvidas existia naquilo que se dizia conhecer. Encobrindo a vergonha de por tanto tempo servir àquilo que realmente não acreditava.

O leitor ideal de Vieira, de ontem e de hoje, se depara com a qualidade trágico-cômica da leitura. No livro se vê. Iludindo-se com as valorosas ações de sua leitura. Na frente do livro, toma as qualidades por inversão. Começa a leitura duvidando do tema, e no seu desenrolar se apresenta cada vez mais servil a ela, e qualquer outro sentido que pudesse haver já não importa. Opta em servir ao texto, e com os deveres de

servo, insustentável sempre, torna visível a superfície vítrea da dúvida, e o texto, agora, importa em demasia, admirando a ridícula dúvida criada.

Nesse jogo de inversões imagéticas, as cópias da compreensão se anulam por um colorido sem cor, a morte-cor. Cabe então perguntar: qual é o grau de independência quando se lê, já que o livro exige do leitor a servidão e a leitura deseja duvidar? Se o livro é a forma tradicionalmente humana de pôr o passado na frente dos olhos, tornando a leitura um futuro do pretérito, se do lado do leitor todo o olhar sobre as linhas são a maneira etimológica do futuro do presente, compreender significa ter presente o incompreensível como ideal. Sentimento estranho tanto ao leitor quanto à idéia de uma leitura metódica. O leitor vive, assim espera a honestidade, a intimidade de seu arbítrio e a autonomia de suas necessidades. Demandando as mais improváveis e insignificantes circunstâncias, onde nenhuma uniformidade de relação entre a grandeza do efeito da leitura e a importância da causa por que se lê se declaram em absoluto. O dado incompreensível da compreensão é a questão do essencialmente incompleto e essa incompletude da leitura torna-se o laurel da liberdade ao impedir a manifestação fácil dos determinismos de diferentes matizes.

Isso levaria o leitor a se pôr de



Vieira, Antônio. História do Futuro. Livro antepimeiro. Lisboa: 1755.

sobressalto? Depende da vastidão de sua inteligência, que aqui não é sinônimo de informações exatas e tangíveis, e da amplitude de sua generosidade. Vieira pede um leitor generoso. Nesse tipo de homem residem as preocupações e responsabilidades mundanas, ou seja, fazer permanecer todas as obras humanas e gratuitamente pensar como fazê-las acontecer fora de seu tempo e de sua época. Dar a tudo o que é belo, a beleza do que ainda não aconteceu e saber que aquilo que a fez existir não mais acontece, a História do Futuro. Para tal projeto necessita-se de uma espacialidade elástica, que pela atenção de alma, preocupa-se com o correr do tempo e por isso dá respostas, sejam elas antigas ou modernas, pois o mundo não permanece sendo uma eterna problematização.

Vieira solicita aos homens viverem os originais, 'antevendo o que hão de obrar'. Talvez seja este o motivo que o impede de terminar o que pretendeu escrever em sete capítulos como as setes lâminas do escudo de Enéias. Ao terminar a leitura do Livro antepimeiro, *prolegômeno a toda a História do Futuro*, 'em que se declara o fim e se provam os fundamentos dela', o leitor admite a clara existência de um descompasso, já que se encontra sobre as linhas da *História do Futuro*. A liberdade estilística que até o momento se manifestava, onde numerosas máximas de Vieira criavam uma relação de intimidade e de afastamento por perplexidade pelo que diziam anacronicamente de tão próximo, cede a uma escrita menos poética. Vieira passa a escrever de maneira muito agarrada aos argumentos que escolhe para fazer valer o seu projeto, como se se defendesse de algo. A quantidade de personagens é tanta que as páginas assumem aspecto deformado. Aparenta-se a um desafio, cuja temática é: como podes ser cristão e não acreditar na providência divina? Mas para que isso aconteça, ou deixe de acontecer, basta apenas a própria providência.

Vieira vai perdendo fôlego, respira em demasia seus argumentos históricos e o futuro, que por direito pertence a Deus, sopra ameaçando apagar a chama profética. De servir ao projeto passa a duvidar timidamente, por excesso de histórias, da ação profética. Tudo

acontece por resfriamento, a luz que o fazia ver, alimentada através da conjugação de arte poética e saber bíblico, torna-se a iluminação fria do amanhecer quando o sol ainda não se pôs de pé. Mas o sol teima em não fazer o seu costumeiro caminho e dos sete livros que projetava apenas resultaram sete capítulos incompletos. Quando voltar a escrever sobre o fato profético, a *Clavis Prophetarum*, Vieira se retirará para o segredo do latim, descobrindo aquilo que entardece, a língua sacra, cujo sentido universalista já não mais tem sentido e novamente a incompletude se faz sua parceira.

Enquanto esteve declarando os fins que imaginava para a sua obra e provava os fundamentos dessa empresa, cuidando de perto da essência da natureza humana - a curiosidade -, Vieira tinha o domínio sobre o leitor e a leitura vinha acompanhada do acirramento de tudo ver e saber. Mas ele acaba sendo servo de seu projeto, pois enquanto antevia, tudo aparentava um desenlace primoroso. Chegando ambos ao momento próprio daquilo que antes fora preparado, o leitor frustra-se e Vieira se acanha.

As fronteiras da esperança no mundo, mesmo forjadas na paciência corajosa, estão rompidas. O mundo se acelerou em demasia, não há tempo para o desenlace. Resta agora apenas antever e rezar para que aquilo que foi sonhado obtenha tempo. E sem desejar, Vieira nos deixa uma única lição: enquanto o homem projeta, antevendo o que

acontecerá, adquire a força de dar início ao tempo - criar; porém, quando quer consubstanciar o seu projeto, acontece a fatalidade - a inexistência de suficiente temporalidade.

Como compreender algo é tê-lo em sua incompletude e incompreensão, se é do homem a trágica propriedade histórica do pecado, sendo o complemento íntimo de seu estar no mundo, Vieira acaba deixando como rastro o modelo impossível e possível da leitura, que são a mesma coisa: antever. O ante, enquanto prefixo, significa antes ou diante. Como sufixo, é formador da terminação do participio presente dos verbos latinos. Vieira, exímio conhecedor do latim, sabe que o participio presente não tem qualquer valor preciso de tempo, e, dessa maneira, figura o tempo por aquilo que lhe vê antes. A única potencialidade humana é o gerúndio, que tratando a

ação e a duração ao mesmo tempo, transforma o tempo num modo de ser, o que doa ao futuro uma vida e uma vontade secreta.

Aqui termina também o que poderíamos comentar sobre a *História do Futuro* do padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus. E se há algum relevo nessa antevisão da obra de Vieira é fazer ressoar, no momento desse ensaio, o que fora anteriormente sentenciado por Raymond Cantel, em 1959:

... a ausência de uma edição crítica moderna se faz sentir. Nenhum sermão foi publicado até aqui numa edição que merecesse verdadeiramente esse nome. Ora, é a totalidade dos discursos de Vieira que deve ser assim editada.

A tarefa será longa e difícil, mas essa edição é o monumento que Portugal e o Brasil devem à glória daquele que foi o maior de seus predicadores.¹⁴

N O T A S

1. VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. (Introdução, atualização e notas por Maria Leonor Carvalhão Buesco). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, p. 146. A *História do Futuro* do padre Antônio Vieira tem como período provável de sua composição os anos compreendidos entre 1649-1661. Admite-se este contorno temporal com reservas. O professor Adma Fadul Muhana na organização e fixação do texto "Apologia das coisas profetizadas" (Lisboa: Cotovia, 1994) demonstra a continuidade das preocupações de Vieira com esta obra no período de seu processo inquisitorial; algumas partes do texto por ele organizado se adequam ao projeto da *História do Futuro* do jesuíta. Embora a incompletude da obra seja concreta, a investigação de Muhana acrescenta outras partes àquelas já consagradas, cujas edições anteriores estiveram sob o controle de João Lúcio de Azevedo (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918) e Antonio Sergio & Hernani

Cidade (Lisboa: Sá da Costa, 1953, vol. VIII-IX). No Arquivo Nacional se encontram o referido a J. L. de Azevedo, o Livro antepreimeiro, prolegômeno a toda *História do Futuro* (nas edições Lisboa: Editores J. M. C. Seabra & F. Q. Antunes, 1855 e oficina de Antônio Pedrozo Gahan, 1718) e a *História do Futuro* publicada em 1755 pela Oficina de Domingos Rodrigues.

2. VIEIRA, Antônio, op. cit., 1982, p. 41.
3. Idem, ibidem, p. 44.
4. Idem, ibidem, p. 45.
5. Idem, ibidem, p. 47.
6. Essa expressão encontra-se no "Sermão da Sexagésima", pregado por Vieira na capela Real, em 1655.
7. VIEIRA, Antônio, op. cit., 1982, p. 51.
8. Idem, ibidem, p. 64.
9. Idem, ibidem, p. 147.
10. Idem, ibidem, p. 95.
11. ARISTÓTELES. "Poética". In: *Tópicos; Dos argumentos sofisticos; Metafísica; Ética a Nicômaco; Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores IV) p. 451.
12. VIEIRA, Antônio, op. cit., p. 95.
13. ALEGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Belo Horizonte-Brasília: Editora Itatiaia/Fundação Pró-Memória, 1984, p. 245.
14. CANTEL, Raymond. *Les sermons de Vieira - étude du style*. Paris: Ediciones Hispano-Americanas, 1959, p. 36.

A B S T R A C T

The paper is about father Antonio Vieira's prophetic *History of the Future*, written between 1640-1660 and with several editions since the 18th Century. The Jesuit's prophesying allow us to think about the question of reading, as well as to discuss the reader's standpoint starting from the levels of submission to the text and of doubt in the act of reading.

R É S U M É

C'est un article sur l'*História do Futuro* (Histoire de l'Avenir), ouvrage prophétique du Père Antônio Vieira, écrit en 1640-1660, qui a mérité plusieurs publications après le XVIII^e siècle. Le prophétisme du Jésuite nous permet de réfléchir sur le problème de la lecture, de discuter la position du lecteur à partir des niveaux de soumission au texte et du doute dans l'acte de lecture.